

# O que nos fica de quem nos deixa

Miguel Miranda<sup>1</sup>

<sup>1</sup>IPM - Instituto Português do Mar e Atmosfera

A formação em 1946 do Serviço Meteorológico Nacional a partir da junção dos recursos até então existentes nas universidades e no Serviço Meteorológico dos Açores marcou a modernidade da meteorologia portuguesa e estruturou a integração de Portugal na Organização Meteorológica Mundial, transformada na mesma década numa agência das Nações Unidas. O projeto liderado por Amorim Ferreira contou, desde o seu início, com o papel insubstituível daquele que viria a ser o mais importante físico da atmosfera portuguesa do século XX: José Pinto Peixoto.

O progresso da meteorologia em Portugal, ao longo da segunda metade do século XX, obrigou à reorganização das redes de observação, à melhoria de procedimentos de análise e previsão, e à adoção de uma estrutura operacional capaz de assegurar a qualidade a pontualidade e o rigor necessários para a segurança dos cidadãos e da atividade económica, e em particular da aviação civil. Para que tal fosse possível três fatores foram decisivos: a integração nos procedimentos da meteorologia global, sob os auspícios da Organização Meteorológica Mundial, a cooperação com os serviços meteorológicos europeus, e a articulação com a universidade, muito em particular com o Instituto Geofísico dirigido por José Pinto Peixoto.

A previsão numérica do tempo tornou-se viável a partir de 1950 com a utilização de modelos barotrópicos de baixa resolução. Dez anos depois era lançado o primeiro satélite meteorológico (Tiros I). Na década de setenta são formadas as duas organizações europeias que reúnem capacidades até então inexistentes na Europa de observação da Terra (EUMETSAT) e de previsão numérica do tempo (ECMWF). Estas organizações projetaram a Europa para uma posição de liderança mundial. José Pinto Peixoto acompanhou de perto esta grande mudança, formando gerações de meteorologistas e apoiando a modernização de procedimentos de diagnóstico e prognóstico.

José Pinto Peixoto tornou a meteorologia portuguesa melhor.

Da sua memória cada um de nós ficou com uma parte do que foi a sua vida e a sua relação com os outros. Podemos recordar dele a intransigência sobre a relevância fundacional da física e da matemática e sobre o primado da ciência sobre a experiência.

Podemos recordar a capacidade quase inultrapassável de compreender e ensinar termodinâmica e dinâmica global da atmosfera. A sua paixão pela meteorologia e pela física do clima. O seu desprezo pela mediocridade. A defesa do esforço como caminho para o conhecimento científico. Podemos recordar a irreverência, o desassombro e a linguagem colorida.

Manteve sempre a sua ligação científica a um dos melhores grupos científicos do mundo, e sempre investigou e ensinou a meteorologia e o clima nas duas línguas que melhor dominava: a matemática e a física.

A 6 de dezembro de 1996 José Pinto Peixoto deixou-nos sós.

Mas ele está presente sempre que analisamos uma situação meteorológica complexa, decidimos um novo procedimento ou estruturamos um novo serviço ou uma nova rede de observação. Está ainda mais presente sempre que participamos numa ação de divulgação científica, qualquer que seja o seu nível de complexidade.

É também por isso que 1922-2022 é o século Peixoto da meteorologia portuguesa.